

APRESENTAÇÃO

Este número da Revista Literatura em Debate divulga estudos qualificados sobre o espaço (auto)biográfico, o qual compreende a vasta zona formada por espécies (auto)biográficas, a exemplo das antigas vidas, memórias e confissões, assim como pelos gêneros da “literatura biográfica”, conforme reconhecidos enquanto tais no decorrer dos tempos modernos: autobiografias, autorretratos, biografias, diários íntimos etc. A publicação também acolhe textos híbridos (romances de modulação autobiográfica ou biográfica, roman-fleuve, romance de formação, dentre outros) –, procurando tecer relações entre memória, história, literatura, narrativa, silêncio e tempo.

Embora se mostrassem relevantes à configuração de textos ficcionais, os gêneros em destaque viram-se relegados às margens dos estudos literários, quando ainda vigoravam perspectivas estruturalistas ou formalistas inclinadas a compreender a obra literária enquanto universo auto-suficiente e objeto a ser buscado, quando não, pela ciência da literatura, pelas abordagens da crítica e da teoria literárias estritamente desvinculadas do autor e seu contexto. Na década de 1970, contudo, Philippe Lejeune firma uma produtiva intercomunicação entre a teoria literária e o que ele denomina “espaço autobiográfico”.

A iniciativa do estudioso francês e seu posterior trabalho junto à APA (Association pour l'Autobiographie et le Patrimoine Autobiographique), fundada em 1992, aliados a uma considerável abertura dos estudos literários a diálogos mais amplos com outras expressões culturais, contribuem para minorar os preconceitos do meio acadêmico em relação a autobiografia e aos gêneros a ela aproximados. Quase ao mesmo tempo, o reingresso da biografia nos estudos históricos faz necessário considerar textos desse tipo como objetos dos historiadores, conduzindo à busca de novos instrumentais analíticos e metodológicos. Dessa maneira, o espaço (auto)biográfico vem colocar novos problemas e questões à historiografia e à teoria literária, em especial, no que se referem às tentativas diferenciadas para compreensão do sujeito da história e do texto ficcional, nas mais variadas formas e temporalidades.

Ao chegarmos nesta sexta edição da revista, manifestamos nossa alegria pelo interesse que a temática vem suscitando na comunidade acadêmica, tanto por parte dos leitores quanto por parte dos pesquisadores empenhados na exposição de seus trabalhos. Nesta edição, os textos são oriundos de pesquisadores ligados a programas de pós-graduação de universidades como English and Foreign Languages University – Shillong

(Índia), UFMT, USP, UFMG, UFSC, UFSM, UERJ, UFMS, UFAM, UFRJ, CEFET (RJ), FURG e UFPR.

O primeiro artigo é de autoria de Kailash Baral. O crítico analisa as autobiografias de Mohandas Gandhi, Jawaharlal Nehru e Verrier Elwin, procurando ver, na própria experiência de vida dos autores, elementos que visam a (re)imaginar / (re)inventar a Índia enquanto nação caracterizada por lutas, sofrimentos, doenças, explorações. O ensaio procura defender a ideia de que as três narrativas, juntos, fornecem uma perspectiva inclusiva da nação indiana que pode engendrar o discurso sobre a “diversidade”, fortalecendo a democracia e o multiculturalismo.

Uma avaliação do discurso da colonização portuguesa de Moçambique aparece no ensaio de Maria Perla Araújo Morais. Tomando como base o romance Venenos de Deus, remédios do Diabo, de Mia Couto, a autora do artigo procura mostrar que, por meio da figura do personagem Sidónio Rosa, o escritor moçambicano “põe à prova a própria Língua Portuguesa como instância capaz de traduzir e mediar o contato entre culturas”. O texto ainda trata de questões envolvendo as relações entre memória, espaço, tempo e linguagem como forma de indagar o estatuto da identidade.

Ainda no campo da memória e do espaço, contamos com o artigo de Francisco de Assis Carvalho que, por meio da Toponímia, estuda a origem e o significado dos nomes dos lugares. O autor do trabalho centra-se nos topônimos da Estrada Real, tendo por base os relatos dos Viajantes naturalistas dos séculos XVIII e XIX. O empreendimento de Carvalho consiste em desvendar aspetos histórico-culturais de um povo, já que, por meio de tal procedimento analítico, é possível a identificação de fatos linguísticos, culturais e ideológicos presentes no ato denominativo e na sua permanência ou não em uma comunidade.

As questões envolvendo o entrelaçamento entre história, memória e biografias de imigrantes alemães aparecem nos artigos de Márcia Fagundes Barbosa e Rosani Ketzer Umbach. A primeira estuda cartas de imigrantes alemães que se alojaram em Santa Catarina no decurso do século XIX. Atentando para aspectos subjetivos presentes na escrita dos autores dessas correspondências, a autora investiga o trânsito entre tempos e espaços sobrepostos (presente e passado / pessoal e coletivo) para pensar os signos culturais que fomentam a comunidade étnica alemã naquele estado. A segunda faz uma leitura do romance Die Alte Truhe (O velho baú), de Hilda Siri, de 1952, procurando articular memórias do passado – alegorizadas por objetos contidos num baú – com aspectos da vida de imigrantes que se estabeleceram no sul do Brasil.

Sergio Barcellos analisa, em seu ensaio, diários íntimos que, segundo ele, podem constituir um reduto privilegiado do exercício da subjetividade, da prática de confissões, da promessa de sinceridade e da obrigatoriedade de autenticidade. Considerando elementos teóricos de David Levy, Judith Butler, Paul Ricœur e Paul Eakin, dentre outros, o autor avalia o gênero “como um espaço de relação, de convivência, de vivência e de desempenho de funções (existenciais, sociais, religiosas, etc.), apontando para o sentido oposto do estigma de refúgio do eu, a começar pela forma como o eu se reconhece: não mais como centro, mas como parte de um todo”.

Geraldo Magela Cáffaro também se dedica à análise de diários de memória pessoal. Calcado especialmente nas premissas de Walter Benjamin e considerando cadernos do escritor americano Nathaniel Hawthorne, o autor procura contemplar o estatuto da experiência no processo de escrita de diários; estabelecer paralelos e limites entre o mencionado gênero, o romance e a narrativa; identificar possíveis articulações entre o diário, o discurso histórico e a modernidade; e, ainda, investigar a inscrição das categorias tempo e espaço em um diário específico do autor em questão. Cáffaro destaca como principal característica da escrita de Hawthorne a resistência a definições.

Marcos Vinícius Scheffel e Luis Alberto Scotto de Almeida abordam, em seus ensaios, questões relativas às obras de Lima Barreto. O primeiro investiga a produção confessional e de crônicas do autor fluminense, a qual, além de contribuir para a definição de novos rumos para a ficção brasileira, ajuda no entendimento do seu posicionamento estético e ideológico. O segundo, conforme o próprio título do manuscrito sugere, procura ir “além” de uma investigação meramente autobiográfica presente nos escritos do autor carioca. Calcado no viés da paródia, tal como proposto por Mikhail Bakhtin, Scotto de Almeida procura superar o estigma de que a vida de Barreto teria assumido o controle incontestável de sua ficção.

A partir de elementos teóricos de Philippe Lejeune e Bella Jozef, Letícia Pereira de Andrade estuda o livro autobiográfico Quarto de despejo: diário de uma favelada (1960), de Carolina Maria de Jesus, polemizando as fronteiras entre realidade e ficção. Além disso, considera tema e forma da obra caroliniana, procurando mostrar aspectos das comunidades faveladas brasileiras. Luciana de Mesquita Silva, por sua vez, analisa Os anos 40 (1973), de Rachel Jardim, romance que se vale de memórias de personagens, dentre elas, as da própria escritora, visando a avaliar a maneira como Jardim aborda o dia-a-dia de mulheres de Juiz de Fora nos anos 1940. Rachel Jardim, aliás, também é assunto do ensaio de Raquel Laurino Almeida. A autora trabalha com

dois livros de Jardim, *Vazio pleno: relatório do cotidiano* (1976) e *Inventário das cinzas* (1980), buscando problematizar as limitações das teorias frente a esses dois romances. Para tanto, recorre ao estudo de conceitos como autobiografia, autoficção e *Künstlerroman*.

O artigo de Henrique de Oliveira Lee analisa o espaço autobiográfico do escritor japonês Yukio Mishima. Inicialmente, chama atenção para o modo como elementos vinculados às diferenças culturais contribuem na elucidação de problemas ligados à teoria do pacto biográfico; em seguida, tal conceito é articulado à noção de Texto tal como propõe Roland Barthes. Por fim, Anamaria Filizola estuda o álbum foto-narrativo *As meninas*, produzido em conjunto pela artista plástica Paula Rego e pela escritora portuguesa Agustina Bessa-Luís, verificando a escrita biográfica, realizada por essa ficcionista, sobre a pintora, também lusitana.

Neste número, a publicação conta com quatro resenhas. A primeira é da autoria de Lizandro Carlos Calegari e se centra no livro *Embates simbólicos: estudos literários e culturais* (2007), de Roberto Seidel. No livro, o autor trabalha com conceitos que lhe permitem analisar a produção marginal recifense. Por seu turno, Adriana Romitti Albarello resenha as crônicas *d'A casa da minha infância* (2008), de Luís Nassif, que narra histórias familiares. Esse livro autobiográfico inclui confissões e memórias, as quais revelam sentimentos íntimos e a experiência do autor.

Já Sandra de Fátima Kalinoski explora a narrativa de Nelson Castro denominada *Los últimos días de Eva: historia de un engaño* (2007), que aborda os últimos dois anos da vida de Eva Perón, trazendo questões relativas à doença da protagonista e à política da Argentina. Por fim, temos a resenha de Gabriela Cornelli dos Santos a respeito da coletânea *Para sempre: 50 cartas de amor de todos os tempos* (2009), organizada por Tim Emerson. Nesse volume, o assunto é o amor, e os autores das cartas são nomes brasileiros e estrangeiros como Machado de Assis, Fernando Pessoa, Frédéric Chopin, Victor Hugo, dentre outros.

Na última seção desta revista – Convite à criação –, contamos como um texto do escritor uruguaio Ignacio Martinez intitulado *Benedetti es nuestra voz*. Martinez fala da vida de Mario Benedetti e seu compromisso com o vizinho país, elenca suas principais obras (contos, dramas, ensaios, poesias e romances) e, ainda, dedica poemas ao escritor uruguaio, recentemente falecido.

Esperamos que os trabalhos aqui disponibilizados contribuam para o desenvolvimento de pesquisas e estudos na linha temática ora apresentada, bem como

instiguem novas contribuições para os debates propostos. Por fim, resta agradecer a cada um dos autores que enviaram seus ensaios e demais trabalhos para esta edição e também aos pareceristas que gentilmente contribuíram para a qualificação dos textos.

André Luis Mitidieri e Lizandro Carlos Calegari